



CENTENÁRIO DO GENERAL BERTHOLDO KLINGER, CO-FUNDADOR DE “A DEFESA NACIONAL” (1884-1969)

Claudio Moreira Bento

Transcorreu, em 1º de Janeiro de 1984, o centenário de nascimento, na cidade gaúcha de Rio Grande, do General Bertholdo Klinger, filho de um imigrante alemão e bisneto de um outro que é considerado o pioneiro da indústria cervejeira no Rio Grande do Sul.

Klinger conquistou merecido lugar na história do nosso Exército como um paladino do profissionalismo militar, um modernizador da Artilharia de Campanha e como um dos idealizadores, e o mais moço, dentre os 13 “jovens turcos que fundaram a revista “A Defesa Nacional” há 70 anos. Foi ele uma espécie de líder e catalisador da chamada “Missão Alemã” que, de 1911 a 1921, exerceu de fato considerável influência para a modernização e operacionalidade do Exército Brasileiro. Para isso con-

tou com o apoio dos mais destacados estagiários brasileiros que, de 1911 a 1912, serviram no Exército da Alemanha, quase todos egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre, que se tornou, a partir de 1909, sob a égide do Regulamento de Ensino de 1905, um ponto de inflexão do ensino, ao abandonar o bacharelismo em favor do profissionalismo militar.

Foram esses oficiais que fundaram esta revista, como porta-voz de suas idéias reformadoras e atualizadoras do Exército. E o fizeram dentro da filosofia da sadia crítica militar exercida por seus colaboradores e redatores, que contaram com a compreensão e o estímulo dos Ministros da Guerra que lideraram a reforma militar.

“Só se corrige o que se critica. Criticar é um dever. O progresso

resulta da crítica. O que hoje parece excelente, amanhã será criticável. Nossa crítica visará as idéias e não as pessoas". Com este lema, os fundadores partiram para um objetivo que não era outro senão aquele expresso no próprio nome da revista — A Defesa Nacional. E a idéia catalisadora se transformou numa bola de neve que, de tanto crescer, acabou por envolver, empolgar e abraçar expressivas inteligências militares e civis, preocupados com uma segurança nacional que fosse compatível com a evolução da doutrina militar mundial.

Como líder da referida "Missão Alemã", Bertholdo Klinger participou com destaque do trabalho patriótico e meritório que logrou, antes, durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, reduzir a distância entre as doutrinas militares em voga na Europa e aquelas em prática no Brasil, que ainda lembravam, em seus aspectos táticos, a doutrina que fora aplicada na Guerra do Paraguai (1865-1870).¹

De fato, a "Missão Alemã" alicerçou durante 10 anos um trabalho que passaria a ser exercido, de 1920 a 1939, pela Missão Militar Francesa. Além disso, deu origem à célebre Missão Indígena da Escola Militar do Realengo que, integrada pelos melhores instrutores das Armas selecionados em concursos pelo Estado-Maior do Exército, teve seu período áureo entre 1919 e 1921.

A atuação dinâmica, incansável e objetiva de Klinger, na "Missão

Alemã" e em "A Defesa Nacional", encontrou repercussão positiva na Reforma Militar (1904-1945) que contribuiu para arrancar o Exército dos obsoletos padrões operacionais de Canudos para os padrões revelados pela Força Expedicionária Brasileira na Itália. Ali, a FEB daria mostras de grande valor, ao lutar em aliança ou contra representações dos melhores exércitos do mundo em confronto na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

No contexto da atuação múltipla de Klinger, destaca-se sua projeção modernizadora e atualizadora de nossa Artilharia de Campanha, graças ao que ele observou durante seu estágio na Alemanha. Tal atuação tornou-se intensa e apostolar através desta revista, do Boletim do Estado-Maior, da tradução e edição de regulamentos específicos e, sobretudo, através da instrução nas unidades de Artilharia de Campanha, no Rio de Janeiro, em São Gabriel, Itu e Campo Grande.

Esse trabalho de um apóstolo da religião do trabalho, da qual se dizia adepto, se irradiou por toda a Artilharia de Campanha, a ponto de se projetar nos notáveis padrões de Artilharia da FEB (precisão e eficácia com economia). Afinal, o Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, orgulhava-se de ter sido seu aluno nessa matéria.

Como escritor militar, que desde 1903 passou a usar a pena como arma eficaz para sua ação modernizadora do Exército, Bertholdo Klinger prestou relevante con-

¹ Segundo o General Meira Mattos in "Marechal Mascarenhas de Moraes e Sua Época", Bibliex, Rio de Janeiro, 1983.

tribuição à memória não apenas do Exército como até mesmo do Brasil, ao escrever uma alentada, minuciosa e abrangente autobiografia que relaciona toda a sua vasta bibliografia e hemerografia.² Escrita na Ortografia Simplificada Brasileira, que ele inventou em 1940 e passou a adotar solitária e unilateralmente, essa obra constitui algo de singularíssimo na literatura brasileira.

A partir de 1921, a obra de Klinger passa a ter um cunho predominantemente político-militar, cujo epílogo chegaria com o final da Revolução de 1932, em São Paulo. Foi nessa ocasião que conquistou um lugar na História Militar do Brasil, ao assumir o comando supremo do movimento, cujo cinquentenário em 1982 deu margem a uma análise isenta de sua atuação.

Infância em Rio Grande

Bertholdo Klinger descendia, pelo lado materno, de João Enrice Ritter, o pioneiro da indústria da cervejaria em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul, atividade que aos poucos foi se expandindo para São Lourenço, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre. Seu pai, Antonio Klinger, se estabelecera em 1883 em Rio Grande, com negócio de cervejaria e maltaria.³ Em 1898, a firma passou a representar a Cervejaria Pelotense e a operar uma fábrica de gelo. Bertholdo

viveu uma infância feliz, no seio de uma família próspera e bem relacionada com toda a colônia alemã. Dos 6 aos 8 anos estudou nos colégios de Otto Werner, dos irmãos Bornhorst, e finalmente no do francês Du Pont onde lecionavam dois engenheiros do Exército. Sua vocação militar foi despertada certamente pela visão da guarnição federal de Rio Grande. Mas desde tenra idade Klinger já costumava brincar de comandante de batalhão com outros meninos, aos quais até remunerava com vinténs. Os melhores momentos de sua vida, porém, eram passados no sítio paterno, junto ao Saco da Mangueira. Alternava lazer e estudos, ora trabalhando na cervejaria ora servindo de garção num bar anexo. Entre suas recordações na infância destaca-se a histórica rivalidade entre rio-grandinos e pelotenses, que se apelidavam mutuamente de "papa-areia" e "sebeiros" (o primeiro apelido lembrando o domínio da cidade pelas areias e, o segundo, a atividade de fabricação de charque, impossível de ser praticada em Rio Grande, pela areia fina que se introduzia na carne).

Já na infância surgiu em Klinger uma deficiência visual em consequência, segundo ele afirma, de ter lido muito à luz de velas e de lâmpadas. Sem receita médica, como era de costume na época, comprou um par de óculos que melhor se ajustassem à sua deficiência.

Na Escola Preparatória de Rio Pardo

Em 1899, Klinger ingressou, como civil voluntário, na Escola

² *Narrativas Auto-Biográficas*, Bertholdo Klinger, Gráfica Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1944-1953, 7v.

³ O pai de Klinger era Capitão da Guarda Nacional em Rio Grande e foi também Conselheiro Municipal.

de Rio Pardo, juntamente com outros cinco rapazes, entre estes, João Baptista Mascarenhas de Moraes. Klinger media apenas 1,53 m de altura e logo foi apelidado de "alémãozinho". Vem dessa época, segundo ele registra em sua autobiografia, o hábito generalizado de tomar chimarrão, por tradição ou imitação, e também o de vestir as roupas dos companheiros, para o aluno dar a impressão de que possuía um enorme guarda-roupa.

A Escola era chamada de "Prepa" e ministrava uma educação física que, pelos padrões atuais, seria considerada irracional e nociva à saúde. Até a roupa de cama pertencia aos próprios alunos, e não era padronizada. Por ser aluno destacado, Klinger foi promovido a alferes-aluno. Na ocasião, recebeu um espadim correspondente, que ele usou, mais tarde, na Revolução de 32 e que hoje integra o acervo do Museu Paulista.

Na Escola Militar da Praia Vermelha

De 1901 a 1904, Klinger frequentou a Escola Militar da Praia Vermelha, até à Revolta da Vacina Obrigatória. Em dois anos de curso, por ter obtido notas superiores a 6 em todas as matérias, conquistou novamente o título de alferes-aluno. Em consequência, conquistou também o direito de ingresso no quadro de uma das Armas, além do de prosseguir nos estudos até o Curso de Engenharia e Estado-Maior. Os demais alunos, ao término do curso, iam para a tropa, como sargentos. Só poderiam ser promovidos a 2.º Tenente de-

pois dos alferes-alunos. O curso dava direito ao título de agrimensor, "assunto ministrado duas horas por semana, com 5 aparelhos para 100 alunos". Sobre a vida do cadete, ele recordou: "Cada cadete devia ter seu lampião a querosene. O rancho deixava a desejar. A assistência médica e a enfermaria eram deploráveis". Posteriormente Klinger presidiria uma associação beneficente destinada a tratar de casos graves no Hospital dos Estrangeiros (dos ingleses) que ficava nas imediações da Praia Vermelha.

Nessa época, os cadetes eram alvo das atenções de dois amigos: o afamado médico Dr. Fajardo e o "Velho Lage", Antonio Marins Lage Filho, fundador da Companhia de Navegação Costeira (1891), que fornecia, aos cadetes em férias, passagens de cortesia em seus navios. Essa tradição foi continuada, no Realengo, por seu filho, Henrique Lage, hoje o simbólico Cadete Nº 1 da Academia Militar das Agulhas Negras, para cuja construção muito contribuiu.

Em 1903 ocorreu na Praia Vermelha a criação da *Revista Acadêmica Militar*, que marcou o início das atividades literárias de Klinger. Essa publicação já assinalava a Reforma Militar em curso, destacando como fundamentais para o cadete a formação moral e a cultura intelectual, mas ainda sem enfatizar a cultura profissional.

Na Escola Militar da Praia Vermelha a instrução prática compreendia um vasto programa, mas em grande parte descurado ou omitido. Dava-se ênfase especial à esgrima, fosse à espada fosse à baioneta. Acentuavam-se, naquele tem-

po, as rivalidades entre os "doutores", oficiais com todos os cursos, e os "tarimbeiros", termo originário de tarimba (cama de quartel), para designar os oficiais da tropa, sem cursos ou com estes parciais.

Em 1903, Klinger foi servir em Rio Grande, no 3º Regimento de Artilharia, após trancar matrícula na Escola. Como curiosidade dessa época, ele assinala em sua autobiografia que os oficiais não disputavam de rancho. Quando de serviço, ou mandavam vir refeições de casa ou comiam a amostra ou prova da comida destinada aos praças. O Boletim chamava-se "Detalhe" e era manuscrito, com o original sendo ditado aos sargenteantes das subunidades.

Revolta da Vacina Obrigatória ou "Quebra-Lampeão"

Quando retornou à Escola Militar, Klinger foi considerado repetente, mesmo sem haver cursado o ano. E como o internato era privativo dos cadetes, foi morar numa "república" de gaúchos à Rua Bambina. Dali, ia de bonde elétrico até à Rua Voluntários da Pátria e, depois, prosseguia até à Escola em bonde puxado a burro.

Em 14 de novembro de 1904 irrompeu a Revolta da Vacina Obrigatória ou do "Quebra-Lampeão", assim chamada porque os desordeiros quebravam, em quarteirões inteiros, os lampeões da iluminação pública. Segundo Klinger, nessa época "tudo era exacerbado por certa imprensa, em nome da Liberdade, da pureza da República e da Democracia. O positivismo forneceu a lenha para a fogueira, por

seu combate doutrinário à vacinação obrigatória".

As Escolas Militares da Praia Vermelha e do Realengo, manipuladas externamente, tomaram parte na revolta. E num encontro que sobreveio com a Polícia, o chefe militar e comandante da Escola da Praia Vermelha foi ferido, vindo depois a falecer. O líder civil do movimento era o positivista, senador e coronel Lauro Sodré.

Fechadas ambas as Escolas, os cadetes foram transferidos para guarnições distantes, onde muito foram excluídos do Exército. Instalou-se então um Processo-Crime contra os chefes civis e os oficiais, entre estes os alferes-alunos dos quais se destacavam Klinger, Euclydes Figueiredo e Mario Clementino de Carvalho que, mais tarde, participaram da fundação de "A Defesa Nacional". Segundo Klinger, o Processo-Crime não resultou em nada, porque a Justiça Militar foi considerada incompetente para julgar o Senador Coronel Sodré e porque o Conselho de Justiça, presidido pelo Marechal Antonio Gomes Pimentel⁴, não obedeceu à escala, acabando por ser fulminado por Ruy Barbosa como "agrupamento ilícito". Colocou-se uma pedra em cima de tudo, a ponto de ser tido hoje como um episódio que, em seus detalhes, compromete a memória nacional.

Na época em que se tratava da anistia aos cadetes, foi baixado o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo

⁴ Avô do historiador Pimentel Winz, que o biografou em *Um Consolidador da República — Marechal Antonio Gomes Pimentel*, Rio de Janeiro, ECCF, 1967.

para o profissionalismo militar, espírito predominante até hoje. E mais: ocorreu a extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, seguida da criação da Escola de Guerra de Porto Alegre cujo nome deixava bem claro o seu objetivo: o preparo para a guerra. Os que continuavam defendendo o regulamento anterior passaram a tachar os cursos feitos pelo Regulamento de 1905 de "cursos alfafa", por serem eminentemente profissionalizantes.

Estagiários no Exército Alemão

Dentro do espírito da Reforma Militar então em curso, sob a liderança do Marechal Hermes da Fonseca agora na Presidência da República, surgiu a idéia de se enviar brasileiros para um estágio no Exército Alemão. Assim, Klinger foi indicado para integrar a turma de 21 oficiais que estagiariam na Alemanha, de 1910 a 1911, e que se somariam a seis outros que lá já se encontravam, perfazendo um total de 27 oficiais. Esses estagiários passaram a ser chamados, dentro do Exército, de "germanófilos", no sentido de terem sido formados de acordo com a doutrina militar alemã, e não por conotação política ou racial. A tal ponto se fez notar sua influência que, durante a visita que o Presidente Hermes da Fonseca fez à Alemanha, foi ventilada a idéia da vinda de uma Missão Militar Alemã para nosso Exército. As negociações, porém, viram-se interrompidas com o deflagrar da Grande Guerra.

Na Alemanha, Klinger estagiou no 24.º Regimento de Artilharia

Montada de Holstein, com sede em Guestrow, no Grão-Ducado de Mecklemburg-Schewerin. Mais tarde, em 1951, ele traduziria para o português a obra "*Die Brummer — Eine Deutsche Fremdenlegion in Brasilianischen Diensten im Kriege gegen Rosas*", de Albert Schmid, sob o título de "Os Rezingões", sobre os mercenários contratados pelo Brasil na região onde ele estagiou, para lutarem contra Oribe e Rosas (1851-52).⁵

Sobre os resultados do estágio de Klinger, é eloquente o conceito insuspeito de seus instrutores alemães:

"Trabalhou eficazmente. Dedicou-se invariavelmente às questões de sua Arma e das outras, auxiliado por excelentes qualidades de concepção e de julgamento exato e claro, com relação à Artilharia e à Tática. Adquiriu bons conhecimentos em todos os serviços, evoluções de tiro e serviços em campanha, demonstrando aproveitamento. Conhece perfeitamente as disposições e prescrições do Regulamento para Exercícios de Artilharia. Sabe julgar questões táticas nos temas jogos-de-guerra e viagens de instrução, e conhece a linguagem militar empregada em ordens. Conduz-se sempre no serviço com mente calma, segurança e precisão, agindo refletida e resolutamente. Sua conduta civil e militar

⁵ O contrato incluía um Regimento de Infantaria, outro de Artilharia e duas Companhias de Engenharia, com respectivo uniformes, armamentos e equipagens flutuantes. Este assunto foi abordado por mim em *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1976, e, em detalhe, num ensaio doado ao Museu Histórico de São Leopoldo.

é irrepreensível. Soube conquistar o respeito e a consideração de todos os seus superiores hierárquicos e camaradas. É excelente soldado, apto para servir junto aos comandos superiores”.

A partir de 1921, Klinger passou a ser polêmico, controverso e combatido, principalmente por envolver-se politicamente em revoluções. Por esse motivo, é útil, no julgamento sereno de sua obra, voltar-se ao conceito insuspeito de seus instrutores alemães. Diga-se de passagem que, por falar alemão muito bem, o seu aproveitamento foi excelente, o que não ocorreu com a maioria dos outros estagiários para quem a língua alemã se constituiu numa barreira ao bom aproveitamento do curso.

Os “Jovens Turcos” Retornam ao Brasil

Na viagem de retorno ao Brasil, Klinger sugeriu a seus companheiros, Capitão Parga Rodrigues e 1.º Tenente Leitão de Carvalho, a necessidade de permanecerem os estagiários no Rio de Janeiro, em duas ou três unidades de valor Regimento, que se constituiriam numa espécie de unidades-modelo ou escolas de aperfeiçoamento. No Rio as condições para a instrução seriam melhores e seria mais fácil encontrar oficiais dispostos a aprender com eles. Tudo correu como previsto, pois contaram com o apoio do Ministro da Guerra, General Vespasiano. E puseram mãos à obra, procurando transferir, por irradiação das unidades onde serviam, os modernos conhecimentos adquiridos na Alemanha.

Mas como toda mudança provoca resistências, Klinger e seus companheiros passaram a enfrentar a reação de alguns colegas. Suas atitudes reformadoras, às quais aderiu um grupo egresso da Escola de Guerra, formado dentro do espírito do Regulamento de 1905 e voltado para a operacionalidade do Exército, valeram-lhes o apelido de “jovens turcos”. Era uma alusão aos jovens turcos que, depois de estudarem na Alemanha todos os domínios da cultura, promoveram uma transformação radical nas instituições, usos e costumes seculares da Turquia.

A reação, segundo Klinger, não partia de “brasílófilos”, mas de comodistas que, a pouco e pouco, foram ultrapassados com a tática da pregação e da ação de grupo, também chamada na época de “patentes novas” do Exército.⁶

A Revista “A Defesa Nacional”

A idéia de fundar uma revista de assuntos militares, essencial ao progresso do Exército e à instrução militar, surgiu no meio do Atlântico, no retorno dos estagiários, e dela teve a iniciativa o 1.º Tenente Estevão Leitão de Carvalho em conversa com Klinger e Parga Rodrigues.

A idéia foi tomando corpo, até que doze oficiais decidiram concretizá-la. Destes, oito eram “jovens turcos germanófilos”, enquanto que apenas quatro eram

⁶ Cf. CALMOM (Pedro), “Miguel Calmon: Uma Grande Vida”, José Olympio, Rio de Janeiro, 1983.

“jovens turcos brasilófilos”, os últimos, em sua maioria, formados na Escola de Guerra de Porto Alegre e pelo Regulamento de 1905. O nome “A Defesa Nacional” foi a sugestão vencedora do Tenente Mario Clementino de Carvalho, professor da Escola Militar, Secretário do Clube Militar e que viria a ser o autor dos editoriais do primeiro e do segundo número da revista.

O argumento em favor do nome sugerido para a revista era o que ele encerrava também um programa — A Defesa Nacional. Do grupo de “jovens turcos brasilófilos” faziam parte Mario Clementino de Carvalho (que se retirou no Número 2 para reaparecer no Número 25), antigo companheiro de Klinger e de Euclides Figueiredo desde a Escola da Praia Vermelha, Francisco de Paula Cidade, Secretário da Revista e que, um ano antes, havia fundado em Porto Alegre a *Revista dos Militares*, José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti e Brazilio Taborda.

O formato da revista, por sugestão de Klinger, foi o de 18 x 16 cm, sem capa, a exemplo da *Militær Wochenblatt*, e com 32 páginas. Depois de haver sido projetada no Clube Militar, a revista adotou como sede a Papelaria Macedo, que ficava à Rua da Quitanda, 74, Rio de Janeiro. Ao final da penúltima página do Número 1 de “A Defesa Nacional” apareceu um adendo com o subtítulo “Colaboração”, de autoria de Klinger, no qual estão expressas as seguintes idéias-força:

— Ser a revista campo de concentração dos esforços em prol do

erguimento das Forças Armadas nacionais, à altura de suas missões.

— Alertar que o êxito da Revista dependia da efetiva colaboração de todos os que tiverem uma idéia sobre o assunto.

— Idéias aplicáveis ao nosso meio, como informações úteis oriundas dos meios militares mais adiantados, ou nascidas no labor militar diário e orientadas, decididamente, pelo lema *Rumo à tropa* (o grifo é do autor).

Klinger foi o primeiro chefe da Revista e um dos três primeiros redatores, juntamente com Leitão de Carvalho e Souza Reis. Diga-se de passagem que foi também recordista em matéria de colaboração assinada versando sobre os mais variados assuntos.

O Reformador da Artilharia

A vocação de artilheiro de Bertholdo Klinger deve ter sido despertada com a visão do Regimento de Artilharia estacionado em Rio Grande, desde que a Esquadra, ao comando de Custódio de Mello, forçou a barra de Rio Grande, desembarcando entre esta e a cidade cerca de 2.000 federalistas. Klinger, que na época contava cerca de dez anos, nada menciona em seus escritos sobre esse episódio.

Em Rio Pardo, Klinger figurava na instrução como servente de peça. E queixava-se de que sua posição na tração humana da peça era ingrata, inclusive por ser baixinho e não aparecer nas fotos ao ficar encoberto pelos mais altos.

Antes de concluir a Escola Militar, Klinger estagiou no 4º RAM

em Rio Grande. Como alferes-aluno, optou pela Arma de Artilharia. Em Curitiba, começou a distinguir-se na Arma. Desenvolveu a tração de xincha na Artilharia, que provou ser melhor que a regulamentar. Para ser ouvido, recorreu à difusão pela imprensa, através de escritos, defendendo a sua idéia. Ao estagiar na Alemanha, aprendera tudo na então considerada a melhor Artilharia de Campanha do mundo. Ao retornar ao Brasil, foi servir na 7ª Bia do III Grupo do L.º RAM. Aí levou a efeito uma revolução na instrução teórica e prática de Artilharia. Para adestrar com economia de munição *cara e rara*⁷, criou um clube de tiro a giz (simulador de tiro real), funcionando fora do expediente para quem o quisesse. Foi seu aluno, e disso se orgulhou em suas *Memórias*, o então Capitão Mascarenhas de Moraes. Além disso, Klinger criou um ipófilo, visando a exercícios de exterior deliberadamente duros e que, cada mês, empreendia uma caçada à raposa.

No âmbito da Vila Militar, animou um concorrido clube de jogos-de-guerra (leitura da cartas, resolução de temas táticos na carta, difusão de doutrina tática e unificação de métodos de raciocínio). Sua ação no 1º RA durante três anos foi memorável, com projeção até no eficiente desempenho de nossa Artilharia na FEB.

⁷ A partir de 1934, a munição passou a ser produzida na Fábrica de Andaraí, sob a direção do General Edmundo Macedo Soares, com *know-how* adquirido na Itália. Essa fábrica, segundo o General Macedo Soares, veio a ser a "mãe da indústria siderúrgica de Volta Redonda", da qual ele foi um dos pioneiros.

Klinger foi o precursor, em 1914, em manobra em Santa Cruz, do tiro de artilharia com Posto de Observação independente da Bateria, distanciados de 1400 metros e ligados por bandeirolas e estafetas a cavalo. Para isso contou com o apoio de um código para sinais de Artilharia elaborado pelo Capitão Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, destacado e prestigioso "jovem turco brasilófilo". O tiro passou à História como o Tiro dos Cajueiros. Depois de sua ação reformadora da Artilharia, no Regimento Floriano, Klinger estendeu sua ação, em São Gabriel, ao 4º RAM, atual Regimento Mallet, atingindo assim as mais tradicionais unidades de Artilharia de Campanha. Sua ação se estendeu, de imediato, à Artilharia de Alegrete e de Bagé. Em Bagé, além de denunciar o abandono da guarnição do Rio Grande do Sul, fundou um Clube de Tiro a Giz, para adestrar com economia de munição "Cara e rara", e o ipófilo do clube que contribuiu para generalizar, em São Gabriel, o trote inglês, ou elevado, não sem grande "gozação" da gauchada que o considerava ridículo. Esse Clube de Tiro publicou a obra "O Tiro Indireto do Nosso 75", que logo foi adotado por toda a Artilharia.

Ainda em São Gabriel, em 1917, Klinger assistiu com orgulho a primeira incorporação de sorteados para o Serviço Militar, levadâ a efeito por interesse pessoal do Presidente Wenceslau Braz, em consequência da lei renovada do Serviço Militar Obrigatório. Para Klinger, essa foi "uma das vitórias, e a fundamental, dentre tantas em que se

lançara "A Defesa Nacional". Promovido a capitão aos 34 anos, foi ele homenageado, pelo 16º GA a Cavalos de Itaquí, com um dobrado intitulado "Capitão Klinger", composto especialmente para ele. Sua ação no Regimento Mallet pode ser sintetizada por esta referência elogiosa: *"deixa, por sua passagem neste Regimento, indelévels traços de sua reconhecida capacidade e esforçada dedicação ao serviço, não somente na ação desempenhada como instrutor, mas também como administrador zeloso e inteligente"*.

As Missões Índigena e Francesa

Durante a Primeira Guerra Mundial, por sua condição de filho de imigrante alemão e líder de fato de uma espécie de "Missão Militar Alemã" desde 1911, Klinger viu seu trabalho e sua pessoa envolvidos em naturais desconfianças. Naquela ocasião, seus próprios familiares foram hostilizados em Rio Grande.

Após sair de São Gabriel, Klinger foi servir na 1ª Sec/EME, chefiado pelo General Bento Carneiro. Ali, por sua ação destacada, foi promovido a major, com menos de três anos como capitão, graças à propaganda de seu nome feita por seus amigos e companheiros no EME, capitães Pantaleão Pessoa, Mascarenhas de Moraes, F. I. Pinto e pelo tenente Leopoldo Bittencourt.

No Estado-Maior do Exército, nas vésperas da vinda da Missão Militar Francesa, Klinger tomou parte ativa na seleção da Missão Índigena da Escola Militar, 16 "legionários" que realizaram uma his-

tórica revolução naquele estabelecimento de ensino de 1919 a 1921.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, o Brasil contratou uma Missão Militar Francesa para o nosso Exército. A contratação visava, entre outras finalidades, a amenizar a reação que os "jovens turcos" ou "patentes novas" vinham despertando em alguns escalões, com sua insistência em que o Exército adquirisse maior grau de operacionalidade. Eles acolheram bem a vinda da Missão Francesa, contanto que o trabalho que eles haviam realizado, num período de cerca de nove anos, não fosse desprezado e sim complementado.

Era inevitável, porém, que os "jovens turcos" entrassem em rota de colisão com a Missão Militar Francesa. Em 1920, Klinger foi fazer com os franceses o Curso de Revisão do Estado-Maior do Exército. Teve menção "Muito Bem" e as melhores notas do curso. Por suas posições combativas, foi apelidado pelos franceses de "Tigre". Mas existia algo no ar, um certo constrangimento entre "germanófilos" e franceses. De sua parte, Klinger tinha o poder de influir nos relatórios do Estado-Maior do Exército. A colisão do Chefe do EME, General Bento Carneiro, com o Ministro Calógeras e com a Missão Francesa se deu quando foi designado um instrutor francês de equitação para a Escola Militar, área para a qual o Brasil possuía instrutores capazes. Além disso, como ficara estabelecido que a Escola Militar não entraria na órbita de influência da MMF, surgiu a colisão, o General Bento Carneiro deixou o Estado-Maior do Exérci-

to e seu auxiliar, Bertholdo Klinger, foi mandado para missões no Peru e no México, encerrando-se assim, simbolicamente, o trabalho da chamada "Missão Militar Alemã". A saída de Klinger do Estado-Maior do Exército, em 1921, é o ponto de inflexão de sua ação marcante de profissional militar no período que vai de 1911 a 1921.

Últimos Tempos

Klinger atingiu o generalato na ativa. Nesse posto, sua primeira função foi em Mato Grosso onde, em consequência de um ofício de protesto dirigido ao Ministro da Guerra, foi reformado administrativamente. A seguir, aderiu à Revolução Constitucionalista de 1932, em Mato Grosso e São Paulo, da qual se tornou Comandante Militar Supremo.⁸

Depois de seu retorno ao Brasil, em 1934, após exílio em Portugal e até seu falecimento em 1969, Klinger dedicou-se à atividade literária e à difusão de sua Ortografia Simplificada Brasileira, que ele criou em 1940. Durante todo esse tempo, acompanhou com vivo interesse a evolução política do Brasil, fosse de sua casa em Piedade fosse, depois da perda da esposa em 1953, de seu apartamento no Largo do Machado. Acompanhou igualmente a participação da FEB no teatro de guerra europeu, ten-

do recebido, na época, de seu velho amigo Mascarenhas de Moraes, um cartão postal da Itália em que o Comandante da FEB se assinava "Jango" e em que este dizia que lá na Itália teria oportunidade de aplicar as idéias que eles haviam desenvolvido e discutido juntos, desde os 15 anos, em diálogo iniciado no Rio Pardo e que teve prosseguimento no Regimento Floriano e no Estado-Maior do Exército, onde ambos conviveram intensamente e foram interlocutores em assuntos militares.

A última atividade pública de Bertholdo Klinger foi participar, no Rio de Janeiro, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, por ocasião da Revolução de 31 de Março de 1964, que ele apoiou juntamente com seu amigo desde o Rio Pardo, Mascarenhas de Moraes. Por essa época, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército projetou tomar seu depoimento histórico. Mas quando o programa ia ser executado, o General Klinger faleceu repentinamente. Foi sepultado no Cemitério de Inhaúma, Quadra 26, nº 626. Seu velho e fiel amigo, General Panteão da Silva Pessoa, admirador profundo da obra de Bertholdo Klinger, iniciou seu necrológio com estas palavras que sintetizam o valor do grande soldado e eminente patriota cujo centenário de nascimento celebramos.

"Não sei que o Brasil e o seu Exército estão apercebidos da grande perda que acabam de sofrer".

A memória nacional encarregase hoje de responder à dúvida do velho amigo do General Klinger:

⁸ Em 1947, o Congresso Nacional declarou insubsistente sua Reforma. Klinger reverteu, de direito, ao Exército, foi promovido a General-de-Divisão e passou à inatividade, por idade, em 1947.

o Brasil reconhece o valor profissional, o idealismo, a visão, a bravura e o patriotismo de seu filho ilustre. E tanto reconhece que já o tem, imortalizado, entre os seus Grandes.



O Cel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento foi Adjunto da Comissão de História do Exército do EME (1971-74) e Instrutor de História Militar na AMAN (1978-80). Comandou o 4.º BE Cmb – Itajubá (1981-82). Atualmente serve no EM/1.º RM. É membro efetivo, entre outras, das seguintes entidades: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e da Academia Brasileira de História – Cadeira n.º 12 – Gen Tasso Fragoso. É autor entre outros do seguinte ensaio editado pelo EME – Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro. Possui curso de pesquisador de História das Forças Terrestres do Brasil pelo EME e o de Analista "A" pela EsNI.